

O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA MEDIADO PELAS TECNOLOGIAS PARA OS NATIVOS DIGITAIS DA ESCOLA PÚBLICA

Wallace Moura da Costa (UEPB)
wallacemoura@gmail.com

Introdução

Nos últimos anos com o advento da popularização do acesso às tecnologias digitais através da conexão com a internet, a maioria da população brasileira tem tido a oportunidade ao acesso digital da informação e conteúdos resultando na imersão instantânea do conhecimento, características típicas da geração de nativos digitais da sociedade da informação e comunicação. Este crescimento iminente tem se tornado um desafio para a educação pública, pois, o futuro do país para continuar se desenvolvendo precisa urgentemente qualificar a mão-de-obra de seu povo, ou seja, preparar as futuras gerações para os desafios imprevisíveis da globalização.

O incrível aumento da democratização do acesso à Internet deve-se principalmente pelas classes sociais mais baixas ao uso da *web* em *lanhouses*, trabalho, escola, estabelecimentos comerciais e públicos com a rede *wi-fi* (sem fio) e no crescente número de residências com computador conectado à rede mundial. Atualmente, a ideia de estar conectado não se restringe mais aos computadores fixos, conhecidos como *PCs* (personal computers) ou *Desktops*, mas também, em vários artefatos digitais portáteis como celulares, *laptops* e por último, *os tablets*, que permitem o acesso à internet a qualquer momento, permitindo o contato com os conteúdos de forma simultânea e móvel.

Apesar destes avanços, não podemos deixar de mencionar que ainda existem enormes disparidades para o acesso digital entre determinadas regiões do país, camadas sociais e nível de escolaridade das pessoas. O governo brasileiro tem investido muito pouco e buscado de forma lenta, permitir o acesso à banda larga para a maioria da população que é ainda fator de desigualdade social pelo alto preço comparado ao dos outros países.

Segundo Castells (2009), o cenário globalizado da sociedade atual em rede é definido como “*global network society*”, ou seja, o uso da comunicação através da interatividade

solidificou o compartilhamento do conhecimento de forma ágil e dinâmica no mundo sem fronteiras.

A comunicação é definida como o compartilhamento do significado através da troca de informações. O processo de comunicação é definido pela tecnologia da comunicação como as características dos emissores e receptores da informação, seus códigos de referência e protocolos da comunicação no âmbito do processo comunicativo. Significado somente pode ser entendido no contexto das relações sociais em que as informações e a comunicação são processadas. (CASTELLS, 2009, p.54, tradução nossa).

Diante destes fatos, a língua inglesa possui papel preponderante neste processo. As condições que estabeleceram a língua inglesa como língua internacional surgiram após a Revolução Industrial e o processo de colonização de vários países ao redor do mundo pela Grã-Bretanha. Com a ascensão dos Estados Unidos como potência mundial em meados do século XX, a crescente internacionalização dos mercados e a influência hegemônica do “*American way of life*”, levaram as nações adotarem o Inglês como língua *franca*. Possuir o domínio da língua inglesa, principalmente no mundo dos negócios, passou a ser sinônimo de sobrevivência e integração global.

Carvalho (2011) explica que o ensino da língua inglesa alcançou seu papel hegemônico em escala mundial por três aspectos: Primeiro, o inglês tem sua “função econômica de reprodução”, ou seja, inserir na comunidade do conhecimento acadêmico e científico pessoas qualificadas pelo idioma. Segundo, o idioma possui “função ideológica”, significa que, carrega uma aceitação geral de “ideias modernas”, permitindo o acesso a valores interpessoais, sociais e culturais, possibilitando maior capacidade de comunicação, melhor educação, e conseqüentemente, um melhor padrão de vida. Esses dois fatores corroboram o terceiro aspecto, o inglês tem sua função “repressiva ou condicionante”, isto quer dizer, com o fenômeno da globalização, quem deseja estar no mercado de trabalho, não há outra escolha: “é imprescindível aprender inglês”.

Neste sentido, são imprescindíveis a importância da língua inglesa e o uso das Novas Tecnologias no contexto global de comunicação evidenciando a extrema necessidade na educação como papel social de promover a inclusão social dos nativos digitais. As desculpas do fracasso na aprendizagem de uma língua estrangeira na escola pública não podem justificar a supressão de um futuro melhor de milhares de crianças e adolescentes que precisarão de uma oportunidade para vencer na vida.

Diante desses pressupostos, torna-se pertinente uma profunda reflexão através de vários autores sobre os desafios que a escola pública brasileira tem que enfrentar para cumprir o seu papel de agente transformador da sociedade e transformar sua prática pedagógica sobre o ensino da língua inglesa voltada para o ensino contextualizado, dinâmico e inovador para a geração de nativos digitais.

1. Os nativos digitais da escola pública

A maioria dos alunos que frequentam a escola pública é considerada nativos digitais por nascerem e crescerem convivendo com as tecnologias digitais fazendo parte de suas vidas. Esses alunos estão acostumados e lidam muito bem com a *internet, video games, DVD, smartphones, bluetooth, laptop, mp3, etc.* No sentido mais abrangente do termo, os nativos digitais são os que nasceram na década de 80 e com o passar do tempo, o termo refere-se atualmente de forma mais precisa aos que nasceram a partir do século XXI, ou seja, a partir de 2001.

Palfrey & Gasser (2011) retratam os nativos digitais como diferentes das gerações anteriores por diversos aspectos positivos e negativos. Os autores são unânimes em afirmar que a maioria deles aprende e absorve as informações de um jeito muito mais rápido, porque não cresceram em um mundo analógico de interação, mas, em um ambiente pluralizado, sofisticado e dinâmico de informação e interatividade. Tapscott (2010) reitera que “Os jovens da Geração Internet são mais espertos, rápidos e tolerantes quanto à diversidade do que seus predecessores”. Eles não lêem manuais, guias de TV, jornais impressos, mapas dobráveis e aprendem em um minuto como usar um novo aparelho eletrônico ou utilizar um *software*. Possuem a capacidade nata de usar o celular numa mão e o *mouse* na outra para fazer uma busca no *Google*, ler blogs, jogar *online*, postar nas redes sociais, assistir vídeos, ouvir música, fazer um *download* e bater papo com várias pessoas, tudo isso ao mesmo tempo. Isto revela que os nativos digitais possuem esta enorme habilidade para fazerem conexões simultâneas em contato com a internet. Apesar de alguns não possuírem o acesso total de manuseio destas tecnologias, essas características são inerentes desta geração porque possuem a aptidão de utilizar as múltiplas inteligências para fazer diversas coisas ao mesmo tempo.

A geração digital da escola pública sempre que possível está constantemente conectada, seja na escola, *lan houses* ou em casa. Eles gostam de se relacionar com outras pessoas no mundo virtual, expressar suas identidades em seus perfis divulgados nas redes sociais através das

postagens de fotos no *Instagram* ou *Flickr*, vídeos no *Youtube*, informam sobre os que estão fazendo ou registram opiniões e acontecimentos em tempo real sobre qualquer assunto no *Twitter* e também curtem ou compartilham no *Facebook* sobre tudo o que acham interessante. Há também o lado negativo que as tecnologias digitais ameaçam este público, tais como, invasão da privacidade, desrespeito e violação autoral, pornografia, pirataria, *cyberbullying*, incitação à violência, promoção do individualismo e isolamento social, ausência de relacionamentos estáveis, problemas psíquicos e psicológicos, mecanização das atitudes, atenuação da iniciativa, raciocínio e pensamento, restrição da criatividade, manipulação de ideias e opiniões e aquisição semi-automática do conhecimento.

2. A influência das tecnologias na educação

As tecnologias da informação e da Internet tem transformado a sociedade diante das iminentes e rápidas mudanças no modo de lidar com a comunicação atualmente. É uma tendência mundial, ou seja, um caminho sem volta.

Trata-se de uma Nova Ordem Tecnológica porque imprime uma velocidade assustadora ao fluxo de informações, seja do ponto de vista da transmissão, seja das capacidades constantemente renovadas das plataformas preocupadas em trazer benefícios agregados. (FILHO e CASTRO, 2008, p.16).

Não há mais como ninguém negar a necessidade do uso das NTICs e não querer se apropriar delas. Na educação, especialmente os professores, não podem mais fugir do uso das mídias em sala de aula. O uso destas tecnologias na educação deve ser encarado como um desafio a ser vencido.

A chegada dos computadores ao sistema educacional tem desafiado a educação a repensar o processo de construção do conhecimento, visto a necessidade de se criar uma nova metodologia para o desenvolvimento e organização de pesquisas. Seu uso, por parte dos alunos, deve se dar de forma crítica e criativa, exigindo para tanto motivação, concentração e autonomia. (FERREIRA e FRADE, 2010, p.17).

É inegável que a tecnologia facilitou de forma geral a vida das pessoas e a educação pública brasileira precisa estar preparada para o futuro diante das tendências tecnológicas que permeiam a sociedade.

3. A realidade digital na escola pública

A educação sempre foi assunto para discursos, debates e indagações filosóficas porque é um fenômeno inerente dos seres humanos. A preocupação com o ensino e aprendizagem remonta há mais de 2.500 anos na Grécia antiga com a cultura filosófica e vigoram até hoje com o pensamento de filosofia da educação. Os filósofos gregos Platão e Aristóteles que viveram no século IV a.C. em suas obras associam a atividade do educador como uma arte, ou seja, a uma *téchne*, termo grego que traduzido significa “técnica” ou “arte”.

...a arte (*téchne*) se distinguia, por um lado, da ciência (*epistéme*), como o contingente se distingue do necessário e o particular do universal, e por outro lado, da prática (*práxis*), isto é, das atividades imanentes ao agente, ao passo que a arte visava sempre a um resultado exterior ao agente. (TARDIF, 2010, p. 155-156).

Neste sentido, a reflexão da prática educativa, ou filosofia da *práxis*, tem por objetivo, questionar a própria problemática, mostrar as contradições e a busca da compreensão do real. Isto significa a crítica teórica da prática, que deve ser uma constante de todo educador. Nesse contexto, estou abordando a atuação das NTICs nas aulas de inglês no Ensino Fundamental de uma escola pública, trazendo para trazer aos alunos a realidade mais próxima do contexto global de comunicação.

A escola pública como nunca tem se mostrado pouco atraente para seus alunos. A educação de qualidade parece tornar-se cada vez mais utópica diante dos principais problemas que permeiam o espaço escolar: desinteresse dos alunos, professores desmotivados, falta de infraestrutura e condições de trabalho, dupla ou tripla jornada de trabalho, baixos salários, drogas, violência, ausência da participação da família, desvalorização da sociedade, entre inúmeros outros.

Infelizmente, muitas escolas do país não possuem o mínimo de estrutura para poder oferecer um ambiente propício para o aprendizado. Tratando especificamente do uso das NTICs,

os laboratórios de informática presentes em quase todas as escolas não funcionam como deveriam e as razões para esta inércia devem-se principalmente à ausência de professores capacitados que dominam a informática, falta de funcionários para manutenção e configuração dos computadores, dificuldades burocráticas para a assistência técnica, problemas técnicos de impressora, ausência ou baixa velocidade da conexão com a Internet e, principalmente, falta de vontade da equipe pedagógica em usar os equipamentos.

A educação de qualidade é a única condição eficaz para o desenvolvimento de qualquer país. É o mecanismo necessário que permite o seu povo serem cidadãos, evoluir, pensar de forma crítica, ser competitivo, superar a cruel desigualdade e oferecer as devidas oportunidades para a autonomia, empregabilidade e empreendedorismo. É o único meio de diminuir a exclusão social.

É nessa perspectiva, que pensamos a educação. Educação de qualidade e inclusiva, a que deva preparar o indivíduo para interagir com o meio com maturidade, autonomia e criticidade, ou seja, aquela que prepare o indivíduo para compreender e intervir em prol de uma sociedade mais humana, sem se deixar excluir, ou mesmo, se deixar levar pela enxurrada de informações que as mídias produzem. (BARROS e CARVALHO, 2011, p.208).

Quando a escola adota a tecnologia para ampliar as possibilidades e potencialidades dos alunos com uma pedagogia inovadora e criativa, os resultados positivos são alcançados de forma efetiva.

Ao mesmo tempo em que é necessário melhorar o acesso às redes digitais, precisamos também tornar a escola um espaço vivo, agradável, estimulante, com professores mais bem remunerados e preparados; com currículos mais ligados à vida dos alunos; como metodologias mais participativas, que tornem alunos pesquisadores, ativos; com aulas mais centradas em projetos do que com conteúdos prontos; com atividades em outros espaços que não a sala de aula, mais semi presenciais e *on-line*, principalmente no ensino superior. Podemos aprender estando juntos fisicamente e também conectados. Podemos aprender sozinhos e em grupos, podemos aprender no mesmo tempo e ritmo ou em tempos, ritmos e formas diferentes. (MORAN, 2007, p.10).

Portanto, observa-se que a escola pública precisa resgatar seus princípios. Reconheço que as tecnologias podem ser uma poderosa ferramenta de conquista e motivação para os alunos. A Escola e a prática pedagógica do professor precisam estar em sintonia pelo menos com o conhecimento básico de mídias e tecnologias para promover um ambiente ideal de aprendizado.

4. O ensino do inglês na escola pública

As dificuldades em ensinar inglês na escola pública são enormes e cabe ao professor trabalhar de forma democrática com metodologias criativas, dinâmicas e inovadoras com liberdade e entusiasmo a fim de avaliar e refletir de forma responsável sobre o *feedback* recebido de seus alunos, para descobrir se determinada metodologia está dando certo ou não. As tecnologias digitais a serviço do ensino e aprendizagem não pode ser diferente.

Ensinar e aprender devem sempre significar compreensão, envolvimento, prática, recebimento de constante *feedback*, oportunidades de aplicação à vida e aos problemas do mundo real... Ensinar e aprender não são, por conseguinte, algo que ocorra ao sabor do acaso e improvisação. (NETTO, 2011, p.85).

Tenho percebido há vários anos que os alunos de todos os anos do 2º ciclo do Ensino Fundamental não suportam ou possuem paciência para ouvir e prestar atenção às aulas expositivas de gramática e tradução que alguns professores utilizam cujo método surgiu com o interesse das culturas grega e latina na época do Renascimento no século 16. Infelizmente, por vários motivos, muitas aulas de inglês em muitas escolas espalhadas pelo país permanecem usando este método até hoje. Tapscott (2010) afirma isso:

Como professor ou docente universitário, você está percebendo que os jovens parecem não conseguir manter longos intervalos de atenção, pelo menos quando devem ouvir as suas explicações. De fato eles mostram sinais de que aprendem de uma maneira diferente, e os melhores deles fazem com que a nata dos estudantes de ontem pareça banal. (TAPSCOTT, 2010, p.20).

Não pretendo discorrer de forma aprofundada sobre a triste situação em que a Língua Inglesa está inserida no contexto da escola pública, porque muita coisa já tem sido escrita e a maioria de nós já sabe como se encontra esta realidade. Antes de tudo, devemos mesmo é refletir e discutir quais soluções seriam apropriadas para reverter cada realidade, a fim de que o professor cumpra o seu papel de cidadania.

Ser professor é uma vocação, não uma profissão. O professor deve assumir seu papel de educador e não de mero “ensinador” de línguas. A figura do professor sabe-tudo, do professor enciclopédia ambulante, já não impressiona ninguém, especialmente em tempos de internet ao alcance de praticamente todos num simples clique de um *mouse*. (RAJAGOPALAN, 2011, p.60).

Diante do exposto, surge a seguinte dúvida por parte de muitos professores: Como posso ensinar aos alunos a língua inglesa se eles mal sabem ler e escrever? Ou seja, se eles não aprenderam o português, que é a língua materna, como ensinar inglês para eles? Partindo dessa premissa, é possível afirmar que para poder converter este quadro, é necessário que sejam trabalhados os conteúdos numa metodologia mais específica, com ênfase na leitura e escrita, com a ideia dos hipertextos e gêneros digitais (letramento digital) nas séries iniciais do 2º Ciclo (6º e 7º ano). As mídias digitais no contexto escolar, TV, DVD, projetor de tela, conhecido como “Datashow”, computadores e celulares conseguem transformar esta realidade de forma rápida e surpreendente quando são usadas de forma planejada e sistemática. “Independente da ferramenta, o princípio das mídias sociais e da própria Internet é que, de fato, podem transformar a educação”. (SANTANA e ROSSINI, 2011, p.166)

As aulas de inglês com o uso da internet devem propiciar primordialmente o aprendizado e não o entretenimento. O uso dos vídeos, jogos (*games*), *podcasts*, *blogs*, *wikis* e as redes sociais são ferramentas bastante úteis para a efetivação do ensino e aprendizagem de todas as habilidades comunicativas da língua inglesa, desde que, sejam bem aproveitadas e o seu uso não seja usado de forma vaga e aleatória.

As redes sociais são as plataformas virtuais mais desejadas pelos alunos da escola na qual eu leciono. O *Orkut* ainda lidera o *ranking* entre eles, vindo depois o *Youtube*, *Facebook* e o *Twitter*. Rocha (2011) afirma que: “O *Orkut* também não pode ser descartado, pois, apesar da ascensão do *Facebook*, ele ainda é muito utilizado, sobretudo pelo público de baixa renda”. É preciso aproveitar o entusiasmo dos alunos para utilizar os objetos de aprendizagem como estratégia de ensino.

Estes inúmeros recursos digitais podem ser usados dentro e fora da sala de aula. Este método é denominado em inglês de *Blended Learning* ou *Aprendizagem Híbrida*, porque promovem a interação e integração dos alunos não apenas com o computador, mas também com o celular (*Mobile Learning*). Através do *bluetooth*, é possível compartilhar vários conteúdos entre os alunos como *games*, *vídeos*, *podcasts*, *músicas*, etc. Inclusive, a tecnologia dos *QR codes* com a câmera dos mesmos dá para abordar os conteúdos de uma forma bastante interessante. Desta forma, os alunos estarão sempre em sintonia com as aulas mesmo fora da escola e integrando o aprendizado colaborativo.

A mudança mais significativa na aprendizagem dos alunos é a possibilidade de sociabilização através das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador definidas em inglês por Lammy e Hampel (2007) como “*computer-assisted communication*” (CMC). Com estas transformações, surgem também novos termos para aplicabilidade e estudos da internet como web 1.0, 2.0, 3.0, 4.0, geração X, Y, Z e alpha, redes sociais, *wikis*, *troll*, *trending topics*, *hashtags*, etc.

A proposta de ensino do inglês baseada em tarefas conhecida por “Task-based language teaching” funciona muito bem na escola pública. É focalizando nas situações linguisticamente significativas e conta com o engajamento do aprendiz. Não se trata dos conhecidos “exercícios” que contam apenas com perguntas e respostas de determinado assunto e totalmente fora de contexto. A metodologia baseada em tarefas é algo que conta com a intervenção do professor numa perspectiva mais real e cativante para ajudar os alunos a se comunicarem com sucesso.

O ensino baseado em tarefas, se contar com o máximo da criatividade e da inventividade que costuma ser uma maracá típica do trabalho do bom professor de línguas estrangeiras, realizará a exposição à língua-alvo e oferecerá ao aprendiz oportunidades de uso da mesma em situações e contextos muito diversificados, tanto do ponto de vista comunicativo quanto do ponto de vista das exigências cognitivas. (SOUZA, 2009, p.159).

A primeira sugestão que deveríamos focalizar para mudar esta realidade seria o professor mudar de atitude. E o que isto significa? O professor precisa ser abnegado, idealista e otimista quanto a sua prática pedagógica em sala de aula. A ideia de “fazer a diferença” sempre deve estar incutida na mente dos educadores, Tapscott (2010) reitera: “Espero que os educadores pensem em alterar sua abordagem tradicional da educação, do tipo “cuspe e giz”, depois de verem como ela é inapropriada para os estudantes da Geração Internet”. Quanto mais conhecermos e entendermos nativos digitais da escola pública, compreenderemos como será o rumo que a educação pública terá que se moldar diante das mudanças que o futuro promete.

Conclusão

A primazia dada às tecnologias neste artigo, não representa que elas são a solução definitiva para resolver todos os problemas da educação, especificamente, a aprendizagem da

língua inglesa na escola pública. Às vezes elas são tratadas sem a devida atenção, porque muitos professores acham que as tecnologias podem entreter mais do que ensinar, e isto, não é verdade.

Concluindo, após o uso do ensino digital nas minhas aulas de língua inglesa, o interesse, comportamento e a motivação dos alunos mudaram de forma extremamente positiva. É por isso, que eu considero as tecnologias imprescindíveis na educação e reitero que elas devem ser exploradas de forma dinâmica, responsável e criativa. Os resultados vivenciados demonstram que a prática pedagógica digital em sala de aula mobiliza e estimula o aprendizado dos alunos e pode garantir uma inclusão social mais justa diante dos desafios que se inserem na atual sociedade globalizada.

Referências:

BARROS, Maria das Graças.; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. As concepções de interatividade nos ambientes virtuais de aprendizagem. In: SOUSA, Robson Pequeno de. et al (Orgs.). *Tecnologias Digitais na Educação*. Campina Grande: Eduepb, 2011. p.208.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. *Ensino de língua inglesa*. São Paulo: Cengage Learning, 2011. p.8-9.

CASTELLS, Manuel. *Communication Power*. New York: Oxford University Press, 2009.

FERREIRA, Márcia Helena Mesquita. FRADE, Isabel Cristina Alves S. Alfabetização e letramento em contextos digitais: Pressupostos de avaliação aplicados ao software: HagáQuê. In: RIBEIRO, Ana Elisa. et al (Orgs.). *Linguagem, tecnologia e educação*. São Paulo: Petrópolis, 2010.

FILHO, André Barbosa; CASTRO, Cosette. *Comunicação digital: Educação, tecnologia e novos comportamentos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

LAMMY, Marie-Noëlle.; HAMPEL, Regine. *Online communication in language learning and teaching*. New York: Palgrave Macmillan, 2007. p.2.

MORAN, José Manuel. *A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

NETTO, Samuel Pfromm. *Telas que ensinam, Midia e aprendizagem: Do cinema às tecnologias digitais*. 3.ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

PALFREY, John; GASSER, Urs. *Nascidos na era digital: Entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p.12-21.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Vencer barreiras e emergir das adversidades com pleno êxito, sempre com o pé no chão. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). *Inglês em escola pública não funciona?* São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p.60.

ROCHA, Ivone. ...Administrações Públicas. In: BRAMBILLA, Ana. (Org.) *Para entender as mídias sociais*. 2. ed. PUC, SP, 2011. p.156.

SANTANA, Bianca.; ROSSINI, Carolina. ...Educação. In: BRAMBILLA, Ana. (Org.) *Para entender as mídias sociais*. 2. ed. PUC, SP, 2011. p.166

SOUZA, Ricardo Augusto de. Aprendizagem/ensino de segunda língua e fossilização. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). *Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p.159.

TAPSCOTT, Don. *A hora da geração digital: Como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010. p.15-20.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 10. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.155-156.